

## A DINÂMICA INTERPRETATIVA EM AÇÃO: QUANDO LINGUAGEM ANDA JUNTO COM COGNIÇÃO E CULTURA

Cristina MAGRO <sup>1</sup>

**RESUMO** *Nas interações interpessoais, além da orientação mútua promovida pela gramática, a voz, suas modulações, sinais corporais diversos e a experiência cultural, também operam processos cognitivos como a atribuição de racionalidade, dirigindo o fluir da conversação e configurando seu sentido. O contexto patológico é um domínio privilegiado para se investigar os complexos processos envolvidos na interpretação e suas inter-relações. Um caso clínico é examinado, com foco no comportamento de uma pessoa com lesão cerebral frontal e sua dinâmica de interação com um grupo. Apesar desse falante exibir uma fala gramaticalmente correta, e do fluir de seu discurso ser a posteriori compreendido como adequado ao contexto das interações ocorridas na sessão, os participantes do grupo concordaram que estavam frente a um discurso patológico, caracterizado como um episódio confabulatório.*

**ABSTRACT** *In interpersonal interaction, besides mutual orientation that grammar, voice modulation and various body signs together with cultural experience help to promote, cognitive processes as attribution of rationality also operate orienting the flow of conversation and giving sense to it. The pathological setting is a privileged domain for investigating complex processes involved in interpretation. A clinical case is considered, focusing on the behavior of a frontal-lobe damaged person and the course followed by the interaction within a group in which, although the speaker considered exhibited a grammatically correct speech, and the flow of his discourse can be said to be adequate to the context of previous interactions in the session, he was taken to enact a confabulatory episode.*

---

<sup>1</sup> Departamento de Linguística da Faculdade de Letras – UFMG.

## 1. INTRODUÇÃO

Sempre que falamos em interpretação, fazemos referência a complexas inter-relações entre cognição, linguagem e cultura que as abordagens formais e abstratas desses fenômenos não nos permitem compreender. O que me leva a postular meu interesse nesses termos é a observação de que, em nossa experiência diária, seja ela científica, literária ou privada, vivemos tanto a estabilidade ou congruência, quanto a variabilidade interpretativa. Mesmo sendo esta última corriqueira em nossos cotidianos, no contexto científico dos estudos da linguagem não se costuma atribuir a ela a legitimidade daquilo que é habitual e esperado na comunicação humana, exceto quando se trata de privilegiar o particular e o subjetivo, como nos estudos literários. Mesmo assim, privilegiar o particular não significa necessariamente postular a sistematicidade do fenômeno em circunstâncias tão ordinárias quanto compreender informações, ler manuais de instrução, interpretar enunciados de problemas, dado o próprio estatuto daquilo que é singular no legado do nosso contexto cultural e científico. Com isto, justificativas para a ocorrência de interpretações distintas ou divergentes não costumam fazer parte do mecanismo científico utilizado para se explicar a comunicação. Ao contrário, originam-se fora dele, como interferências indesejáveis da subjetividade humana ou de ruídos alheios à normalidade do processo comunicacional.

No entanto, como lingüistas, acredito que devemos dispor de uma explicação científica para a linguagem que gere ambas as ordens de fenômenos como próprios de nosso estar nela, não relegando aqueles ao domínio das ocorrências imperfeitas, perniciosas, indesejáveis ou desviantes (Magro 1999). Se lograrmos propor um quadro teórico que explique essas correlações entre processos cognitivos, lingüísticos, culturais e fisiológicos que estão envolvidos em nossa experiência interpretativa e comunicacional, estaremos ao mesmo tempo oferecendo uma proposta explicativa produtiva para consubstanciar e potencializar o desenvolvimento de diversas linhas recentes de pensamento que dependem de uma compreensão do entrelaçamento entre linguagem e cognição. Ao fazê-lo, estaremos ecoando discussões contemporâneas e correntes nos estudos da linguagem, da psicologia, nos estudos culturais, antropológicos, e da inteligência artificial, como os trabalhos de Barbara Herrnstein Smith (1997), Alton Becker (1995), Roy Harris (1990), Rafael Nuñez (1997), Hendriks-Jansen (1996) e Tomasello (2000). Ainda, estaremos a par com desenvolvimentos da biologia geral e da neurobiologia voltados para a compreensão da cognição, da linguagem e suas imbricadas relações, como os escritos de Humberto Maturana (1978) e Humberto Maturana e Francisco Varela (1987). Por último, estaremos participando de debates relevantes para a reflexão sobre o próprio empreendimento científico, como se lê em Bruno Latour (1988), Richard Rorty (1999), e Humberto Maturana (1988).

Para compreender a intrincada relação entre os processos em jogo na atividade interpretativa, precisamos levar em conta que:

1. os processos lingüísticos, cognitivos e culturais são fenômenos observados no domínio da ontogenia de seres vivos;
2. no caso dos humanos, sua ontogenia se desenvolve habitualmente num modo de vida centrado em interações históricas, recorrentes, consensuais, recursivas e contingentes na linguagem;
3. alterações em nossa dinâmica fisiológica afetam processos lingüísticos e cognitivos, o que significa que elas afetam os modos de nos relacionarmos uns com os outros, e afetam aquilo que podemos viver como nossa *realidade*;
4. o que vivemos em nossas interações na linguagem, por sua vez, interfere no curso de nossa dinâmica fisiológica, modulando seu fluir.

A linguagem, aqui, está sendo configurada como uma atividade que observamos nos encontros históricos, contingentes, consensuais, recorrentes e recursivos entre seres humanos no domínio de sua ontogenia, que ocorre imbricada na atividade cognitiva e situada em redes de conversações que compõem sua cultura. Esses são processos entrelaçados e mutuamente reforçadores, efetivos na produção e consolidação de fenômenos diversos, tais como os fenômenos que experienciamos como racionalidade e consciência e a idéia de que vivemos numa realidade independente e objetiva. Com isto afastamos a referência a qualquer instrumental de manipulação de símbolos, ou mediador entre indivíduos e mundo, ou que expressa sistemas cognitivos. Tampouco acolho a linguagem como um domínio autônomo, constituído essencialmente de aspectos gramaticais formais, um objeto de estudo independente dos seres que falam e conhecem. Linguagem e cognição são aqui atividades situadas, portanto, uma vez que seu afeito é contingente, que promove e estabiliza as circunstâncias para seu próprio exercício.

Embora esteja afirmando que linguagem e cognição são inseparáveis na fenomenologia humana, isto não significa dizer que não possamos distinguir os dois tipos de processos quando nossa pergunta assim o exigir. Nem é o caso de, se formos incapazes de evidenciar suas fronteiras e sua imbricada relação, reduzir um tipo de fenômeno a outro. Mas quando se trata de entender a interpretação, a comunicação, a compreensão e incompreensão mútua, as relações entre eles não podem ser negligenciadas. Este modo de ver me leva a postular que as interpretações são:

1. o resultado de uma história recorrente e recursiva de interações num meio, envolvendo de maneira situada, intextricável e globalmente os agentes verbais como seres vivos;
2. como consequência do anterior, as interpretações são também especificadas pelas emoções desses agentes verbais, definidas como disposições corporais para ação (cf. Maturana 1998a, p. ex.);
3. são re-ações a eventos em curso, possuindo a forma de comportamento diferencial;

4. são simultaneamente dependentes de uma história particular de cada um dos indivíduos envolvidos, entrelaçada ao momento particular no qual as interações ocorrem;
5. têm o efeito recíproco de constituir e consolidar a cognição e a linguagem numa dinâmica contínua do processo comunicacional num modo mais ou menos estável e satisfatório, e mais ou menos do mesmo modo para uma dada comunidade de agentes verbais em domínios de ações<sup>2</sup> coletivamente constituídos; e, como tais,
6. não dependem da proposição nem de um conjunto apriorístico de regras gramaticais nem de um conjunto apriorístico de instrumentos cognitivos para realizar tarefas particulares no mundo, nem mesmo de um mundo independente das ações lingüísticas e cognitivas realizadas no domínio de interações no qual são observadas. Tudo o que é necessário e suficiente é um organismo plástico o bastante, com um sistema nervoso complexo, que tenha tido uma história prolongada de interações recorrentes e recursivas com outros organismos igualmente complexos, num meio;
7. não há um ponto externo e neutro do qual os processos interpretativos possam ser observados e descritos.

## 2. A DINÂMICA INTERPRETATIVA EM AÇÃO

A proposta de explicar o entrelaçamento entre linguagem, cognição e cultura encontra na fenomenologia das lesões cerebrais um posto privilegiado de observação, exatamente por estarem aí perturbadas atividades que habitualmente realizamos *de cor*, naturalmente, sem nos darmos conta das operações envolvidas — que também são orientadas por nosso próprio modo de conceber/falar de cognição e linguagem. A observação dessa dinâmica, quando dela participam indivíduos portadores de lesão cerebral, permite-nos distinguir características da atividade lingüística e das atividades cognitivas tidas como normais e para as quais estamos habitualmente cegos: é como olhar um feixe de luz refratado, que o decompõe em elementos mais ou menos proeminentes dependendo, dentre tantas outras coisas, do prisma que o decompõe e do observador que examine sua atuação.

O que é desconcertante, na observação do fluxo conversacional com indivíduos com lesão cerebral, é que nosso conhecimento da lesão nos leva a distinguir, discriminar, apontar falhas ou peculiaridades que de outro modo poderiam passar

---

<sup>2</sup> Prefiro aqui os termos *domínios de ações* ou *de interações* ao invés de *contexto*, indicando, em primeiro lugar, que são as ações que constituem os diferentes contextos, os quais não existem a priori nem em separado daquelas. Isso significa também que não existem nem do mesmo modo para todas as pessoas sob quaisquer circunstâncias. O mesmo posso dizer de *papéis sociais*, que embora sejam tratados como definidos e estáveis, são tão variáveis quanto congruentes com a dinâmica estrutural dos encontros nos quais se realizam.

despercebidas ou ser tratadas como idiosincrasias sem relevância, ou ter seus efeitos minimizados por uma diversidade de outras sinalizações orientadoras do comportamento dos interlocutores tais como posturas corporais, gestos, tom de voz, ritmo, entonação, direção do olhar, etc, que nem sempre estão aí presentes da mesma maneira que nas interações entre pessoas sem lesão. A combinação de ambos - a expectativa de 'comportamento anormal' e a ênfase na 'sinalização anormal' - é destabilizadora das interações em curso e da construção paulatina de significados. Como resultado disso, o que pode ser mais desconcertante ainda, é que no momento da interação com um indivíduo com lesão cerebral nosso entendimento do que está ocorrendo pode ser muito diferente do que temos ao ouvir sua gravação ou ler sua transcrição.

Essa não é uma situação de todo desconhecida de lingüistas que trabalham com gravações. Não raro há uma discrepância significativa entre a situação conversacional gravada e as transcrições. No caso particular tratado aqui ocorreu exatamente o inverso: um comportamento tomado como sinal de que o paciente estava "mesmo maluco" pelos presentes acabou por aceitar, através do exame da fita e de sua transcrição, uma interpretação mais plausível, coerente e consistente do que nossa avaliação *in situ* permitiu.

Nos anos de 1992 e 1993 participei das reuniões semanais do Centro de Convivência de Afásicos (C.C.A./I.E.L.-UNICAMP) com estudantes, pesquisadores, fonoaudiólogos e portadores de lesões cerebrais, os quais são chamados a se envolver em atividades interativas diversas, como contar histórias, discutir notícias e dramatizar episódios cotidianos curtos. Essas tarefas desenvolvidas no C.C.A. visam a participar, como atividades lingüística e cognitiva efetivas, exercidas em interação, dos processos de reconstrução das disrupções desencadeadas pelas lesões de que aqueles indivíduos foram vítimas.

Um homem ainda jovem, com uma lesão frontal massiva, logo me chamou a atenção, pois era inicialmente incapaz de se mover sem alguém que o guiasse, de manter e compartilhar sua atenção com os demais membros das reuniões, de reconhecer uma voz que lhe fosse dirigida.<sup>3</sup> Depois de um longo período acompanhado por um grupo multiprofissional, progressivamente Evandro mostrava habilidade de responder à voz de sua fonoaudióloga e responder a pedidos e perguntas feitos a ele. Essa modificação de comportamento veio junto com uma

---

<sup>3</sup> O paciente em questão é E.R.T., nascido em 15 de setembro de 1954. Tem o primeiro grau incompleto, é separado, e seus quatro filhos moravam àquela época com a mãe. Residia com as tias, irmãs e primas. Foi relojoeiro, feirante, afastado do trabalho devido a um acidente automobilístico em janeiro de 1991, quando permaneceu em coma por 14 dias, sem resposta. O diagnóstico indicou uma síndrome frontal. Inicialmente apresentava falta de iniciativa geral, inclusive verbal, com comportamentos estereotipados, sendo monossilábico, com confabulação e confusão temporo-espacial. Um diagnóstico feito próximo da data em que o conheci sugeria uma demência. Aqui, irei tratá-lo pelo nome fictício de Evandro, resgatando com um nome inteiro sua legitimidade, ocasionalmente enfraquecida pelo tratamento com as iniciais.

elevação de corpo e cabeça, uma orientação tentativa de seu rosto na direção do som percebido, com a articulação de sons mais ou menos audíveis, posturas essas que imediatamente decresciam, junto com um discurso razoavelmente interpretável, logo à chegada da fadiga neuronal.

Uma vez nos surpreendeu a todos com uma disposição e habilidade inesperadas de participar ativamente numa performance envolvendo motoristas, marginais e polícia. Apesar de sua terapeuta requerer dele o papel de um policial honesto, o que vimos foi o exercício de um personagem no qual o policial parecia agir em parceria com o ladrão: ele não prendeu o assaltante, deixando-o ir surpreender outros para dividir com ele o resultado, e extorcia os cidadãos por tê-los protegido da agressão. Evandro estava confortável naquele jogo, e parecia situar-se num ambiente que lhe era totalmente familiar - ainda que recriado sob a forma de pequenas peças teatrais -, como nunca havia estado nas reuniões do C.C.A.

Essa é uma cena triste, porém comum e plausível em nossa cultura. Inicialmente Evandro parecia estar mesclando policial e ladrão nos dois esquetes dos quais participou, primeiro como assaltante e depois como policial, exibindo uma persistência comum naquela patologia. Para efeitos de economia, não vou refletir aqui sobre sua condição, sobre sua possibilidade de desempenhar os papéis de outra maneira - mesmo sob o alerta de sua fonoaudióloga - ou sobre os detalhes de seus bizarros personagens. O que gostaria de enfatizar é que sua movimentação desajeitada, sua entonação a maior parte do tempo praticamente monotônica - mascarando sua ação e sua emoção - seus personagens socialmente desprezíveis - embora amplamente conhecidos através da TV e dos jornais -, a insistência de sua terapeuta em apontar a inadequação daqueles papéis numa sociedade sadia, aliados a um diagnóstico recente de demência progressiva, foram cruciais em definir que os participantes da sessão ficassem perdidos quando, depois da performance, o jovem Evandro começou a contar uma experiência envolvendo policiais, extorções, coisas assim. Nossa confusão foi tão marcante que sua sinalização gramatical adequada não foi suficiente para atribuímos sentido à sua história - que é o que nos interessa aqui - e todos nós, pesquisadores, estudantes e pacientes, deixamos a sessão *absolutamente convencidos* de seu estado mental deplorável. Por motivos de espaço, vou ilustrar esta afirmativa com um único exemplo envolvendo diferentes gêneros do substantivo. Nesse episódio, o policial troca o relógio (um *substantivo masculino*) do homem por uma nota (um *substantivo feminino*), ou, como aparece no final do diálogo, por dinheiro (um *substantivo masculino*):

*Evandro*: aí ele olhou meu relógio... olhou o chão, e fez assim - toma, leva esse treco pra você, que eu fico com o seu dinheiro

*Investigador*: é uma nota que ele te deu?

*Evandro*: hum...

*Investigador*: mas por que que ele te deu?

*Evandro*: é, pra ficar com a minha...

*Investigador:* mi... minha o que... relógio?

*Evandro:* dinheiro, né

*Investigador:* hum ?!?!?!?!?!?

Notem que, esperando uma performance incoerente, o investigador ficou confuso com os dois bens envolvidos, apesar do paciente ter indicado adequadamente, e duas vezes, de dois modos distintos, aquilo de que estava falando. A pergunta que lhe foi dirigida contradisse a história que vinha contando. Em sua história, “esse treco” parece ser o relógio e não “a nota”, como a pergunta que lhe foi feita sugere. Coerente com minha observação de seu progressivo afastamento da atividade consensualmente exercida, tornado-se difícil, senão impossível de orientar-nos e ser nela orientado, Evandro respondeu afirmativamente, quase murmurante, desencadeando uma confusão entre seus interlocutores, que ficaram sem saber quem ficou com o quê. Vejam que suas duas frases seguintes são coerentes com sua história mas não (cor)respondem às perguntas feitas: *minha* (pra ficar com a minha) refere-se à *nota*, forma utilizada na primeira pergunta para falar do dinheiro. Como havia na história dois bens envolvidos, a nota e o relógio, a segunda investigadora negligenciou a marca gramatical e perguntou, espantada: “mi...minha o quê... relógio?” Evandro corrigiu essa confusão e manteve a consistência de seu relato: “é: dinheiro, né...”.

### 3. OBSERVAÇÕES FINAIS

A observação de fenômenos patológicos como a experiência acima descrita pode nos ajudar a consubstanciar reflexões que julgo fundamentais para a compreensão de nosso estar na linguagem num meio com os outros, tais como:

1. a dinâmica comunicacional é uma dinâmica não-linear, é recursiva e mutuamente orientadora, na qual contam como significativos gestos, posturas corporais, sons, condutas constituídos como palavras, ou seja, como elementos consensuais na história de interações que os indivíduos mantêm em diferentes domínios, no fluir contingente e recursivo dessa mesma dinâmica;
2. esses elementos que tomamos como significativos, em si, não informam nem carregam qualquer espécie de sentido, como de fato tem-se tornado cada vez mais audível a partir de teorizações sobre a linguagem oriundas de diversas áreas. O que eles fazem é orientar os indivíduos que interagem num determinado domínio de ações numa ou noutra direção, sendo que podem não ser igualmente relevantes para todos aqueles que interagem;
3. os processos cognitivos são ações que englobam, dentre outras, distinguir interlocutores e com eles relacionar-se enquanto tais; constituir com

interlocutores os domínios de ações nos quais objetos e relações entre objetos são distinguidos e operar neles consensualmente; mover-se entre domínios de ações diferentes distinguindo-os e operando neles consensualmente, de acordo com os objetos e relações entre objetos que configuram os diferentes domínios. Isto é diferente de falar em captação, computação e armazenamento de características do mundo externo (percepção, raciocínio e memória/aprendizado), com que se tem caracterizado a cognição;

4. a dinâmica lingüística (comunicacional) está inseparavelmente imbricada na dinâmica cognitiva, como um conjunto de ações realizadas pelos seres que falam e conhecem com outros seres, e que são congruentes tanto com a história desses quanto com o momento em que esse encontro no meio se dá, sendo, portanto, congruentes com sua dinâmica fisiológica.

As disciplinas que conhecemos e seus objetos de estudo tradicionalmente definidos, de interesse para o tema aqui tratado, são insuficientes para tratar esses fenômenos e sua inter-relação. Repensar esse campo de estudos é uma tarefa que considero relevante e urgente de ser levada a cabo, visando inclusive a contribuir para atuarmos significativamente de maneira conseqüente, modificando nosso cotidiano profissional ou pessoal.

---

## REFERÊNCIAS

- BECKER, Alton. (1995). *Beyond Translation - Essays Toward a Modern Philology*. Ann Arbor: The University of Michigan Press.
- HARRIS, Roy. (1990). On Redefining Linguistics. IN: DAVIS and TAYLOR, Talbot. (eds.) *Redefining Linguistics*. London: Routledge, 18-117.
- HENDRIKS-JANSEN, H. (1996). *Catching Ourselves in the Act*. Cambridge: MIT Press.
- LATOUR, Bruno. (1988). *The Pasteurization of France*. Cambridge: Harvard University. Press.
- MAGRO, Cristina. (1999). *Linguajando o Linguajar - da Biologia à Linguagem*. Tese. (Doutorado em Lingüística) - IEL/Unicamp, Campinas.
- MATURANA, Humberto. (1987). Biologia da linguagem: epistemologia da realidade. In: MAGRO, Cristina; GRACIANO, Miriam; VAZ, Nelson. (1997). *A Ontologia da Realidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG. p.123-166.
- \_\_\_\_\_. (1988a). Ontologia do conversar. In: MAGRO, Cristina; GRACIANO, Miriam; VAZ, Nelson. (1997). *A Ontologia da Realidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG. p.167-181.
- \_\_\_\_\_. (1988b [1998]). *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- \_\_\_\_\_. (1990). Ciência e vida cotidiana: a ontologia das explicações científicas. In: MAGRO, Cristina; PAREDES, Victor. (orgs.). (2001). *Cognição, Ciência e Vida Cotidiana*. Belo Horizonte: Editora UFMG. p.125-160.

- MATURANA, Humberto & VARELA, Francisco. (1984 [2001]). *A árvore do conhecimento*. São Paulo: Palas Athena.
- NUÑEZ, Rafael. (1997). Eating soup with chopsticks: dogmas, difficulties and alternatives in the study of conscious experience. *Journal of Consciousness Studies*, 4 (2), 143-166.
- RORTY, Richard. (1999). *Philosophy and social hope*. New York: Penguin.
- SMITH, Barbara Herrnstein. (1997). *Belief & resistance — dynamics of contemporary intellectual controversy*. Cambridge: Harvard University Press.
- TOMASELLO, Michael. (2000). *The Cultural Origins of Human Cognition*. Cambridge: Harvard University Press.